TWKliek Apresenta:

O Preferido da Professora

Caitlyn Willows

REVISÃO DO ESPANHOL
Disp. Em Esp.: **Fenix**
Envio: **Gisa**
Revisão Inicial: **Cris Reinbold**
Revisão Final: **Leticia Poles**
Formatação: **Táai**
TWKliek

As férias da primavera também são para os professores. E isso é justo o que Marci Findlay planejava fazer… Soltar-se como uma universitária travessa. E o serviço de acompanhantes local, próximo à solitária cabana do Lago Tahoe era justamente o que procurava para brincar de "o preferido da professora".

Gabriel Vaughan está à caça de um sentenciado fugido quando seu carro tem uma avaria durante uma tempestade tardia de primavera. Há uma cabana bem em frente. Luz no alpendre. A salvação? Cativeiro? Ou o melhor sexo que alguma vez teve?

Comentário Cris Reinbold: O que acontece quando a professora não merece uma maçã e sim uma surra de régua!!!!!

Comentário Leticia Poles: o livrinho é bom, só que fiquei com gosto de quero mais(rssss).

Capítulo Um

— Esta noite se prevê na zona de Tahoe uma tempestade tardia de primavera. Poderemos ver mais de quinze centímetros de neve.

Marci Findlay jogou outro tronco no fogo. O que importava quanto nevasse? Não ia a nenhuma parte. Enquanto não interferisse com a chegada de seu convidado, estaria mais que feliz. De fato, uma tempestade de neve talvez impedisse que ele se fosse. Definitivamente tiraria proveito de seu dinheiro.

— Última hora. Foi emitido um Alerta Amber[1] de escala nacional... — Marci apagou o rádio. A última coisa que queria ouvir era más notícias. Era a semana do professor, para se afastar de toda a maldade do mundo. Para desinibir como se fosse uma universitária entregando-se as férias da primavera. E isso era exatamente o que planejou fazer.

Envolta em sua bata azul de seda, Marci foi descalça para o banheiro. Se seu irmão descobrisse alguma vez o que estava fazendo em sua cabana à beira do lago, leria a cartilha... Entre outras coisas. Não planejava que descobrisse. Cobrira muitos bem seus rastros. Inclusive pagou em dinheiro seu capricho. Depois de tudo, sua reputação como professora ficaria em interdição se descobrissem.

De todos os modos, uma mulher merecia representar suas fantasias mais ocultas de vez em quando. O céu sabia que não conseguiria nada de ação de outra forma. Assim, a quem fazia mal? Resposta? A ninguém. Não é como se fizesse sempre. Ela merecia maldição. E tomou todas as precauções pertinentes.

Fez sua busca. Comprovou a reputação da empresa. Ele era seguro cem por cento. Igual a ela. Pela primeira vez em sua vida adulta, poderia ter sexo de verdade sem látex no meio. Não podia esperar.

Abriu os grifos da banheira. Nuvens de vapor elevaram ao redor dela. Orvalhou uma quantidade generosa de gotas perfumadas de jasmim na água. Faltavam duas horas para que ele chegasse. Duas horas de terrível espera. Seus mamilos endureceram de antecipação. Logo seus lábios estariam neles, chupando, puxando eles para sua boca… depois de rogar que deixasse

[1] *Nota das Revisoras:* Alerta Amber é um alerta que a polícia emite quando se rapta a uma criança.

prová-los.

Um estremecimento percorreu o corpo de Marci. A umidade reuniu entre suas coxas. Seu clitóris começou a pulsar, exigindo atenção. Sorriu. É obvio, cederia. Esta semana era para seu completo prazer.

Deixando cair à bata a seus pés, entrou na água. Quando deslizou dentro da maravilha líquida, o calor a abraçou. Colocou um travesseiro de plástico para o banho atrás da cabeça e esticou-se. As ondas da água beijaram entre as coxas. Talvez não devesse ter-se precipitado tanto em encher a banheira. Mas sempre havia um depois e um montão de tempo para banhar-se de novo.

Alcançou o óleo de banho da prateleira atrás dela e extraiu uma boa quantidade sobre seus peitos. O líquido frio pôs os mamilos ainda mais em ponta. Fechando os olhos, esfregou o óleo sobre eles, deleitando com a sensação das diminutas gotas em suas mãos.

Como seria ele? Foi precisa em seu pedido, mais ainda com instruções. Melhor que fizesse bem sua parte ou…

Aspirou com força entre os dentes enquanto imaginava o homem maciço sem rosto sobre mãos e joelhos frente a ela. Sim senhor, faria o que ordenasse. E desfrutaria com cada segundo disso.

Marci colocou a mão entre as pernas. Agora podia ver seu pênis… duro, grosso, vibrando pela liberação que só ela poderia dar… ou negar. Seu prazer, seu orgasmo, seu primeiro, segundo e terceiro orgasmo. Fez um rápido círculo ao redor de seu inchado clitóris.

— Oooo...

E se gozava antes do tempo, ela sabia a maneira de devolvê-lo à vida e mantê-lo assim.

Beliscou o mamilo com uma mão enquanto que com a outra provocava o orgasmo.

E o teria como... De um cavalo.

— Oooo...

E potente. Uma besta capturada por ela.

— Oooo...

Uma fodida besta com a força para quebrar suas ataduras e penetrá-la com sua carne até que ela…

— Ahhhh...

Marci corcoveou ao gozar. Não era suficiente. Embora obrigasse a esperar enquanto recuperava a respiração e desfrutava do banho. A antecipação sempre fazia o orgasmo mais extraordinário.

Ensaboou as pernas do tornozelo até a parte superior da coxa, logo lentamente passou a lâmina de barbear por cada uma. Outro pensamento travesso veio à mente.

Por que não?

Arrastou até a borda da banheira, estendendo as pernas bem abertas. A espuma de barbear saiu a jorros sobre seus dedos, muito parecida com o esperma de um homem. Deu uma olhada para baixo. Sua “doce donzelinha” sobressaía das dobras de seus lábios.

— Sim. Acredito que isto nós vamos gostar.

Marci passou a espuma sobre a vagina. Mordendo o lábio inferior entre os dentes, passou a lâmina pelo pelo. O coração vibrava com cada ligeira passada. Quando todo o pelo entre suas coxas desapareceu, o sangue retumbava nas orelhas. Jogou água entre suas mãos e se lavou. O único pelo púbico que ficava era justo o de cima da virilha. Todo o resto estava depilado, enfatizando seu estado de excitação.

Marci puxou o plugue com o dedo do pé e depois esvaziou a banheira. Agora um de seus mimos favoritos.

Abrindo a água uma vez mais, engatinhou sob o grifo, estendeu as pernas, e apoiou os pés na borda. Depois recostou na banheira e deixou que a força da água levasse ao orgasmo uma vez mais.

Capítulo Dois

Gabriel Vaughan olhou com os olhos entre abertos o terreno, atravessado pelas luzes de seus faróis no que só podia ser descrito como uma pequena tempestade de neve.

— Vejo uns rastros de pneus desviando a uma estrada secundária. Verei e volto. Câmbio. — Soltou o botão do rádio.

— Roger. Fora.

— Fora. — Pôs o rádio em seu cinto e girou na estrada. Seguiu a pista de Jesse Lazar para o lago Tahoe de Los Angeles. O homem deixou um caminho de medo e destruição onde passou começando com o ataque ao banco em Los Angeles onde matou três pessoas.

Dali subiu através de Barstow onde deu um golpe em uma loja ferindo outro civil quando roubou o veículo. Em Bishop, levou um Dodge Caravan, esta vez sem dar conta que levou com ele uma menina pequena na cadeira da parte de trás.

Lazar era um homem escorregadio. Estava utilizando a tempestade para seu benefício. Mas Gabe estava seguro que estavam fechando o cerco. Teriam seu traseiro em um abrir e fechar de olhos. Com um pouco de sorte, a garotinha do carro ainda estaria bem.

Seguiu os sulcos feitos na neve por algum veículo antes dele. Se soubesse que teriam que tratar com a neve, teria posto correntes. A última coisa que precisava era ficar preso, especialmente se Lazar estava do outro lado desses rastros. Estaria mais cômodo em seu Cherokee. Esse quatro por quatro podia levar a qualquer parte. Mas a urgência de encontrar Lazar não permitiu a nenhum deles o luxo de mudar de veículo. Estava de vigilância em um dos carros sem marca quando chegou o aviso. A rapidez era essencial, especialmente agora que estava em risco uma criança.

Gabe pensou em seus sobrinhos. De olhos brilhantes e grandes sorrisos. O pensamento de que algum deles tivesse que enfrentar alguma vez algo assim o assustava de morte. Imaginou esta

pobre garotinha chorando por sua mamãe e seu papai... Faminta, necessitando uma mudança de fraldas, confusa.

Piscou para afastar o mar de lágrimas que assaltavam seus olhos. Agora mesmo não podia permitir o luxo das emoções.

Seu olho captou um brilho, a luz de seus faróis ricocheteou no cromo de outro carro, um familiar. O último modelo de Caravan que Lazar roubou em Bishop. Gabe diminuiu a velocidade. Não seria bom precipitar sobre Lazar.

Seu rádio nasceu à vida.

— Temos à menina. Está bem. Deixou no banheiro de senhoras de um McDonald's.

Gabe levantou o radio.

— Avistei o veículo. — Foi aproximando. — Parece que ficou preso em um amontoado de neve.

Um fio vermelho na neve em frente do carro captou sua atenção. O corpo de um homem estava de barriga para cima. Uns rastros paralelos afastavam da cena. Gabe pôs a marcha em ponto morto e correu para o homem. Apesar de seu olhar vazio procurou o pulso. Nada. Sacudindo a cabeça voltou para carro. Pelo menos a criança estava a salvo.

—Tenho outro corpo. Parece que mudou outra vez os veículos. Vou seguir a estrada. Talvez possa encontrar.

Depois de dar sua posição, Gabe despediu e seguiu conduzindo. A nevada aumentou, apagando os rastros quanto mais avançava. Cortou e seguiu adiante a passo de tartaruga.

Ainda estava na estrada ou se dirigia a um beco sem saída? Um leve resplendor atravessou a tempestade. *Lazar?*

Gabe parou de um lado da estrada, apagou as luzes e esperou com a arma desencapada. O resplendor não se moveu. Examinou a luz e depois amaldiçoou sua própria estupidez. Era uma cabana não um carro. E, por isso sabia outro lugar para um assassinato. Esta vez Gabe tinha o elemento surpresa a seu lado.

Desligando o motor, subiu o pescoço e abandonou a comodidade do carro. A neve o cobriu até o tornozelo no primeiro passo. Não importava. A cabana estava só a uns cem metros de distância. Arrastaria se com isso acreditasse que pegaria Lazar. Com a arma a ponto avançou penosamente.

Gabe explorou o perímetro enquanto ia aproximando. A luz parecia que vinha de um quarto do primeiro andar. As cortinas de uma janela estavam ligeiramente abertas. Teria uma boa vista para avaliar primeiro a situação. No alpendre provou seu peso no primeiro degrau. Nenhum rangido traiu sua presença. Centímetro a centímetro abriu passo até a janela. Respirou profundamente e apertou a sujeição na pistola. Atreveu a espionar dentro.

Ficou boquiaberto sem poder evitar. Uma mulher estava sentada nua frente ao calor de uma chaminé enquanto passava uma escova por seu comprido e escuro cabelo. Era um relógio de areia perfeito. Com a quantidade justa de curvas nas tetas e o traseiro que a fazia a seu modo de ver, cem por cem fode-lo.

Enquanto esse pensamento lascivo cruzava a mente, ela baixou o olhar para seus peitos e acariciou os mamilos com os largos dedos. Juntou ao pênis por completo. Então ela levou sua mão para a virilha. Gabe tocou sua ereção. A junção duraria até que pudesse fazer algo com isso... de uma maneira ou de outra.

Engolindo a imagem da mulher retorcendo com apaixonado abandono embaixo dele, Gabe foi para a porta. Ao bater chegou à resposta dela.

— Já vou.

Má escolha de palavras… Muito má. Engoliu de novo. Seus passos ecoavam no chão de madeira. Ele meio rogou que respondesse à porta nua. Embainhou a arma e procurou seu distintivo.

Mantenha no plano profissional, Gabe.

O ferrolho abriu. Segundos depois, a porta abriu. Uma bata de seda azul ocultava seus atributos.

— Detetive Gabriel Vaughan, senhora. Polícia de Los Angeles. Estamos procurando alguém que poderia representar uma ameaça para você.

— Bem, entre, detetive. Parece empapado e certamente poderia evitar pegar um resfriado. Também está molhado. Tire o casaco e… Fique um momento.

Sua voz sensual provocou um formigamento na coluna. Seu pênis pulsou como amostra de agradecimento. Tio, ela era quente.

Pegou o casaco e tirou dos ombros enquanto ele cruzava a soleira.

— Tenho chá quente no fogo. Sirva-se.

Ofereceu um meio sorriso enquanto pendurava o objeto no gancho ao lado da porta.

— Vejo que vem… Completamente armado. — Passou os dedos sobre a camisa para a pistoleira.

O instinto fez agarrar a arma.

— Um oficial de polícia sempre vai armado, senhora.

— Armado e pronto. Justo do modo que eu gosto. — Assinalou com o braço para o sofá cor verde militar frente ao fogo.

Estava ela insinuando um pequeno escarcéu? Tio, se não estivesse de serviço estaria mais que disposto. Gabe não podia pensar em nada melhor que passar uma noite de tempestade envolto nos braços de uma mulher maravilhosa.

As almofadas do sofá se queixaram quando sentou. O bule estava justo onde disse que estaria.

— Vamos, deixe-me servi-lo.

Ela ajoelhou no chão diante dele e encheu uma taça de fina porcelana da China.

Diminutas rosas serpenteavam no desenho.

— O chá não se deve beber em outra coisa que não seja porcelana da China.

Com esse sexy sorriso matador, ela elevou a taça e o pires até ele. Gabe o aceitou com um sorriso e esperava que ela tomasse como uma aceitação. Não estaria de serviço eternamente. Esta

era uma mulher que definitivamente queria chegar a conhecer melhor.

— Lamento não poder ficar muito tempo, senhora. — Inclinou mais perto. — Só queria adverti-la. Assegurar-me de que está a salvo. Este homem é um assassino.

Seus olhos cor marrom escura nunca abandonaram os dele enquanto deslizava os dedos sobre as mãos masculinas.

— Oh, acredito que ficará até que diga que vá.

Seus lábios estavam a um suspiro dos seus. Maldição se não ia beijar. Maldita seja se não ia deixar. Sua boca se abriu esperando os lábios dela. Frio aço rodeou seus pulsos. Com a mente nublada pela paixão, levou a Gabe um segundo muito comprido para compreender o que ela estava fazendo.

Ele foi para trás. As algemas se fecharam sobre seus pulsos. Suas próprias malditas algemas! As roubou da capa a suas costas.

— Que demônio?

A taça e o pires caíram estrepitosamente no tapete trançado. A mulher retrocedeu de um salto. Rindo ligeiramente, enlaçou com uma corda de veludo ao redor do tornozelo e puxou. Gabe caiu para trás. Atou uma segunda corda nas algemas e puxou seus braços por cima da cabeça.

— Maldita seja, mulher! Merda, o que...

— Cale-se, bonito. Não pago a você para falar. — Grudou uma parte de fita adesiva na boca. — Se levantar, fará isto muito mais fácil para você.

Que merda ia fazer com ele? Estava trabalhando com Lazar? Entretanto, fez o que ordenou.

Utilizando as duas mãos, ela passou a corda sobre uma das vigas do teto até que Gabe esteve quase nas pontas dos pés. Depois abriu os braços e pernas em cruz atando os tornozelos às pernas do sofá. Sua ereção desapareceu há muito tempo.

— Agora. Vamos ver o que paguei com meu dinheiro.

Por Deus, ela pensa que sou um prostituto.

Certamente esse pobre menino que encontrou na estrada a alguns quilômetros. Preso e amordaçado, não havia nada que Gabe pudesse fazer exceto aguentar. Estava literalmente a sua mercê. *Para que fizesse o que quisesse*. Não sabia se estava intrigado ou assustado de morte.

Atreveu a dar uma olhada para baixo. Ela deixou cair sua bata e o rodeou lentamente.

— Bonito traseiro. — Cavou as nádegas e apertou. — Forte e musculoso. Espero que indique resistência. Vai precisar.

Ela não tinha nem ideia.

Marci se deteve frente a ele.

— Agora pelos autênticos atributos.

Hábeis dedos afrouxaram a fivela do cinturão e depois o zíper. O pênis pulsou para vida diante do suave toque. Dobrando os dedos ao redor da cintura das calças e boxer, puxou ambos para baixo até que chegaram aos joelhos. Ele sentiu a corda afrouxar. Se desse uma patada…

E depois o que? Ainda estava preso como uma vaca em uma câmara frigorífica. Deixa que siga com seu jogo. No final a pegaria com a guarda baixa.

Desatou o pé e tirou a roupa. Também o sapato. Preso uma vez mais, fez o mesmo com o outro pé.

Uns suaves olhos marrons elevaram o olhar para ele. Esfregou os peitos contra suas panturrilhas, logo deu uma passada rápida com a língua na parte de atrás dos joelhos. Um gemido amortecido saiu da garganta de Gabe. Ela respondeu com uma risada gutural e deslizou para cima por seu corpo.

O pênis sacudiu quando ela aproximou, suplicando atenção. Uma gota de pré-sêmen já umedecia a ponta. Rodeou a base com o polegar e o indicador dando um puxão.

— Bonito. Duro. Grande. Quase nem posso agarrá-la de tudo. De novo justo da maneira que eu gosto.

Acariciou outra vez, enviando descargas a suas extremidades. Vendo a gota suspensa na ponta, lançou a língua para frente. Gabe gemeu de novo. Fez círculos enlouquecedores ao redor de seu pênis, abaixo dele, sobre ele, até que soube que ia ficar louco. Logo embalou as duras bolas e as apertou.

Ele sacudiu em seu agarre e ela seguiu provocando. Se não estivesse com a boca tampada, teria rogado que fizesse uma mamada. Tentou suplicar com os olhos que acabasse com a tortura. Se estivesse livre, teria jogado de costas e fodido até matá-la de vez. E justo quando Gabe pensava que morreria pela agonia, ela fechou os lábios ao redor dele.

Deus, sua boca é uma maravilha!

Engoliu profundamente, chupando com força. Gabe corcoveou sob o ataque, seu escravo indefeso. Uma mão encontrou suas bolas e apertou de novo. A outra enterrou na carne de seu traseiro. O fogo elevou, saindo disparado dele.

Gabe pensou que nunca pararia de gozar. Ela chupou até a última gota depois jogou para trás os quadris para inspecionar sua obra. Ele pendurava ali como um macarrão murcho.

— Bom, que azar. — Disse ela. — Teremos que ver o que podemos fazer com isto.

Tirou o cinturão dele das presilhas.

— Chegou tarde, amiguinho. Não se permite atrasos. Imagino que sabe o que vai acontecer agora.

Foda-se!

Isto não podia estar acontecendo. Rodeou uma vez, duas. O cinturão estalava atrás dele. Gabe saltou involuntariamente.

— Quantos deveriam ser? — Esfregou o couro sobre o traseiro.

Ele negou com a cabeça ganhando suas gargalhadas.

— Oh, mas tem que haver um castigo por chegar tarde.

Bateu ligeiramente com o couro sobre as nádegas.

— De fato, trinta minutos atrasado.

Bateu outra vez um pouco mais forte. Depois de novo, mais forte. E outra vez. O calor estendia através de seu traseiro, emigrando para a fronte. Seu pênis começou a levantar com cada golpe do couro contra sua pele até que se recuperou em toda sua glória.

— Já está. Todo bonito e duro de novo. — Lançou a arma ao chão. — Agora. Vou descê-lo. Deitará de costas. Entendido?

Uma oportunidade para ficar livre. Mas seu traseiro estava rosado, ardente e seu pênis pulsava. E tudo o que desejava Gabe era fode-la. Ser seu prisioneiro um pouquinho mais. Fazê-la sua *prisioneira.*

Centímetro a centímetro baixou os braços.

— Se comporte como o preferido da professora e deite no tapete.

Fez o que ordenou. Esticou as mãos por cima dos braços e atou a corda à perna da poltrona.

— Meu turno. — Disse ela. — É melhor que faça bem ou já sabe o que acontecerá.

Ficou escancarada em sua cabeça até que a vagina esteve perto de sua boca. Lentamente tirou a fita adesiva e depois pressionou o clitóris em seus lábios. Estava tenso como seda, uma verdadeira delícia e uma maldita tentação.

Gabe moveu a língua sobre o nó inchado. Ela lançou a cabeça para trás com um gemido. A mulher desejava um repasse e ele estava mais que disposto a dar um. Cada dobra e curva era para sua exploração. Adorava seu sabor almiscarado e a maneira em que se retorcia sob o fodido ataque de sua língua.

— Agora, amor! Agora!

Apanhou o clitóris entre os dentes e chupou com força.

Um gemido gutural rasgou de seus lábios enquanto caía para frente e o montou até gozar.

— Deus, neném, me deixe fodê-la. — Sussurrou ele com voz rouca.

Esforçando por respirar, ela arrastou descendo pelo corpo masculino e liberou as pernas. Depois para frente para desatar os braços. Seu peito oscilava diante dele. Gabe apanhou o mamilo entre os dentes e o retorceu.

— Oooo...

— Sim, neném. — Disse com os dentes apertados.

Ainda algemado, os braços caíram livres. Em um movimento ele os lançou sobre o corpo dela e a empurrou de costas.

— Vamos, foda-me. — Gritou ela. — Foda-me duro.

Com um forte impulso assentiu. Ela gritou. Ele retirou e entrou de repente uma vez mais.

— Tem uma bonita e apertada boceta. Quando acabar com você, estará tão dolorida que não poderá caminhar.

Foi por volta dela como se não tivesse tido sexo em anos. Em certos aspectos se sentia como se não tivesse. Ao menos não esta classe de sexo. Uma e outra vez golpeou seu pênis dentro dela. Marci seguia golpe a golpe. Sentiu os músculos dela esticar a seu redor. Ia gozar outra vez. Empurrou forte, profundo fazendo rodar seu osso púbico contra o clitóris dela.

Arqueou contra ele quando chegaram às contrações. Ele aguardou só um segundo antes de disparar sua carga no interior. Empurraram uma vez mais antes de cair.

Tinha que contar a verdade. O som de vidro quebrando os separou bruscamente.

— O que...

— Abre estas algemas agora mesmo. — Sussurrou com voz rouca.

— Mas...

— Maldita seja! Sou um detetive da polícia de Los Angeles. Estou procurando um assassino. Consegue essa maldita chave.

Um rubor subindo pelo pescoço a cobriu. Assim, agora ela sabia que estragou soberanamente. Arrumariam mais tarde. A não ser que ele errasse em sua hipótese, Lazar estava tentando entrar.

Com as mãos tremendo, abriu as algemas. As sirenes atravessaram a noite. Gabe ouviu o revoo da cozinha.

— Estou acabado.

Agarrando a primeira coisa que encontrou, Gabe colocou a bata e empunhou a pistola.

— Deixa entrar a polícia. Diga que saí por trás.

* * *

Marci foi disparada para a porta principal quando o homem saiu correndo. Deu as instruções aos oficiais e depois se escondeu no interior. Desejou arrastar em um buraco e morrer.

Um detetive da polícia... De verdade! Onde merda estava o homem que alugou. Nunca ia sobreviver a isto. Agora mesmo, o homem estava correndo pela neve com sua bata. Como diabo não ia sair isto nas notícias?

O som de vozes no exterior a estimulou a reagir. Subindo as escadas de dois em dois, colocou jeans e um pulôver. As gargalhadas filtraram subindo até ela. Evidentemente seus companheiros o encontraram. O fato de que tomassem tempo para gozações significava que encontraram ao assassino. Não podia ficar e averiguar. Tinha que sair correndo dali.

Marci colocou suas coisas na mala. Era loucura. Como ia escapulir quando a polícia rodeava a cabana de seu irmão? Afundou na cama, enterrou a cabeça entre as mãos e tentou não chorar.

A porta principal fechou de uma portada. Era hora de enfrentar o que fez. Ardendo de vergonha se arrastou até as escadas.

Ele estava de pé frente à chaminé, vestindo. Durante um último minuto permitiu a satisfação da vista espetacular, os músculos esculpidos e o homem tão bem dotado. Depois engoliu o que ficava de orgulho e desceu.

— Acredito que houve um mal-entendido.

Ele girou de repente.

— Acredita? Talvez devêssemos surrar o seu traseiro.

Sua pele esquentou alguns graus.

— Sinto muito. Estava…

— Esperando alguém. Sim, sei. — Sacudiu o polegar sobre o ombro enquanto metia a camisa nas calças. — Lazar o matou e levou seu carro.

Marci fechou os olhos diante de uma repentina corrente de lágrimas.

— Sabe, poderia ter sido você.

Ela deixou cair à cabeça.

— Suponho que vai apresentar queixa.

— Tem nome?

Obrigou-se a olhar.

— Marci Findlay.

Colocou bruscamente os sapatos e fechou o cinturão.

— Voltarei logo que processe Lazar. Fique aqui. Você e eu temos assuntos sem terminar.

Tudo o que pôde fazer foi assentir. Apoiou na janela e observou como se afastava de carro.

Esperar aqui? Nem pensar! Queria afastar tanto como pudesse de seu pecado.

Capítulo Três

Marci se despediu com um "boa noite" de cada um de seus estudantes de "Inglês de Segunda Língua" enquanto saíam da classe. Sentia-se bem ao voltar para a rotina habitual. A escola elementar durante o dia; a escola de adultos de noite. Mantinham-na ocupada. Deveria ter apreciado sua vida rotineira desde o começo em vez de aventurar no território sexual proibido. Era afortunada por não ter sido presa.

Durante a última semana, Marci esperava ter Gabriel Vaughan e uma equipe de policiais vociferando a sua porta e a levando presa a prisão. Uma chamada de seu irmão contando que Vaughan solicitou seu nome e endereço a deixou nervosa na semana passada. Poucas vezes saía de casa.

Mas como cada dia passava sem repercussões, considerou uma mulher afortunada. Talvez a salvaram da mesma vergonha de Vaughan pelo apuro em que ela o meteu. Rezou para que sua delegacia de polícia estivesse bem longe dela. A última coisa que queria era dar de cara na rua com o homem.

Oh, mas era um bombom para a vista. Mais doce ainda para foder. Desfez da lembrança e levantou o rascunho para limpar a borracha. O som da fechadura da porta a fez girar. Seu disposto sorriso se desvaneceu quando viu Gabe ali de pé. Então, seu coração pulsou três vezes mais rápido.

— Senhorita Findlay. — Fechou a persiana da porta.

— Detetive Vaughan.

Seguiu com o olhar enquanto ele cruzava a sala para o banco da janela. Uma por uma fechou as venezianas.

— Acredito que você e eu temos um assunto sem terminar. — Foi para ela.

Marci não sabia o que fazer. Gritar parecia ser uma boa opção.

Ele tirou as algemas da capa de suas costas. Assim vinha a isto. Ela merecia. Pelo menos teve

a decência de esperar até que seus alunos se fossem, esperar até que fosse de noite.

Agarrou o pulso brandamente e puxou para trás das costas. Logo capturou a outra e segurou.

— De cara à mesa.

Marci conteve as lágrimas enquanto ele a punha em posição. Esperava a ladainha de direitos que ofereciam a todos os detidos. Em troca, sentiu sua mão sobre o traseiro.

— Doce. Firme. Justo do modo que eu gosto.

De um puxão baixou as calças e as calcinhas.

— Fora.

— Gabe...

— Sério, não está em posição de discutir, senhorita Findlay.

Intrigada, com o coração a mil, fez o que pediu. Gabe inclinou sobre ela enquanto pinçava na gaveta do escritório. Tinha o pênis duro contra seu traseiro.

— Aha... Isto servirá.

Abriu os olhos ao ver a régua de madeira.

— Gabe... Por favor...

Cruzou ligeiramente o traseiro com ela.

— Oh, eu disse que chegaria logo. — Bateu de novo, mais forte.

Uma rajada de calor a queimou a caminho do clitóris. Marci mordeu o lábio para evitar gritar.

— Vejamos. Está a prostituição.

Plaf!

— Obstrução à justiça.

Zas!

— Violação.

Zas! Zas!

Ela levantou a cabeça de repente.

— Você estava…

Plaf!

— Não fale.

Marci posou a bochecha contra a mesa fria. Seu clitóris pulsava necessitando atenção. Deus, se só soubesse o que na realidade ia fazer.

— Sequestro.

Zas!

— Retenção ilegal.

Zas!

— Acaba com isto. — Saiu um gemido? Rezava que não.

— Prefiro um sermão com surra.

Plaf!

— Tive que capturar um criminoso de bata.

Plaf! Plaf!

— Meus companheiros me viram.

Plaf!

— Ainda estão rindo.

Plaf!

— Ao menos não viram...

— Preso como o peru de Natal?

Plaf! Plaf! Plaf!

— Não, graças a Deus.

Plaf!

— Já é suficiente.

Jogou a regra a um lado e lhe tirou as algemas. Marci esfregou as nádegas ardentes e apertou as coxas para opor à batalha que tinha ali. Precisava gozar desesperadamente. Estendeu a mão para as calças.

— Não tão rápido, professora. — As arrebatou de seu alcance e levou para o quadro negro. — Encherá o quadro com uma frase: "As professoras não alugam prostitutos". E escreve bem.

— Isso vai levar toda a noite.

— Tenho tempo.

Apertou o traseiro ardente. Marci afogou um gemido. Quando ela não se moveu, deu um forte soco. A contra gosto, pegou o giz e começou.

— Nem sequer se incomodou em usar proteção. — Disse ele. Evidentemente, o sermão não terminou.

— Não o ouvi se queixar nesse momento.

— É difícil se queixar com fita adesiva sobre a boca. Proteção?

Marci juntou as coxas em uma tentativa desesperada de aliviar a dor enquanto rabiscava a frase.

— Não era necessário. Tomo pílula. E os cavalheiros dessa empresa têm o certificado de saúde. — Ela deu uma olhada por cima do ombro. — A menos que queira me dizer algo do que me preocupar.

— Não. Não tenho nada errado. Escreve. Não tenho toda a noite.

Lançando um olhar furioso continuou.

Gabe alavancou em uma das mesas. Seu pênis pulsava por liberação. Tocou-se através das calças enquanto observava seu traseiro rosado rebolando com cada movimento de braço acima e abaixo. Viu meter outra mão entre as pernas.

— Está brincalhona, Marci? Quente e úmida? Necessita tanto gozar que quer acabar?

Tremeram as pernas enquanto apoiava a testa no quadro.

— Sim. — Sussurrou.

— Então, faz. — Disse ele. — Sente-se na borda da mesa frente a mim, estenda essas

preciosas pernas bem abertas e se masturbe.

— Não... Não posso. Não diante de você.

— Sim. Pode. — Largos passos o levaram a seu lado. Apanhou os dedos e puxou ela até a mesa. Deitando de costas pressionou os dedos no clitóris.

Marci arqueou na mesa quando seus dedos dançaram sobre sua mini ereção. Tirando uma camisinha do bolso, Gabe deslizou no pênis e se acariciou. Gozaram de uma vez. Deu um pouco de tempo para recuperar.

— Melhor que volte para esse quadro, professora.

Disparou um olhar feroz.

— Ao menos posso me vestir?

— Não. — Disse, dando um pequeno empurrão.

Marci nunca se sentiu tão vulnerável em sua vida. Que mais queria este homem dela? Surrou-a. Sabia que a punha muito brincalhona. Ambos gozaram. E agora o que? Interrompeu a última frase, lançou o giz através da classe e deu a volta.

— Ah, ah, ah. — Fez um gesto admonitório com o dedo. — Essa pequena demonstração de gênio te custará algo. — Assinalou para a mesa. — Se Incline.

Marci elevou o olhar para o céu e assumiu a posição. Ouviu deslizar o zíper e levantou as pernas. Entrou tão de repente nela com um empurrão tão forte que a levantou. Sentia… Trespassada.

— Agora... — Penetrando. — Quero que diga: "Não prenderei Gabe sem sua permissão".

Marci começou a rir. Não estava aqui para prendê-la. Estava aqui para reclamá-la.

— Diga. — Empurrou mais forte tirando um gemido.

— Não prenderei Gabe sem sua permissão. — Disse em uma rajada de ar.

— Outra vez. —Movendo-se mais profundo e forte.

— Não prenderei Gabe sem sua permissão.

Apoderou de seus clitóris com os dedos.

— Outra vez. — Exigiu.

— Não atarei Gabe sem sua… Aaaaaaaaaaaa...

— Boa garota. — Posicionou e gozou dentro dela.

Permaneceram juntos vários minutos antes que por fim Gabe movesse seu peso de cima.

— Certo, isto é o que vai acontecer. Vamos seguir com isto em outro lugar. Ter um encontro. Ficarmos loucos enquanto planejamos o casamento de nossos sonhos. Pelo menos dois meninos?

Ela deu a volta e envolveu as pernas ao redor da cintura dele.

— Diz a sério?

— Muito sério. Definitivamente é o sexo mais quente que tive em minha vida. Se pensar que vou deixá-la partir, está louca. Além disso… — Sorriu e a pôs em pé. — Eu gosto bastante ser o preferido da professora.

— O que? Nada mais do diretor severo?

Ele riu.

— Eu também gosto de tratar com estudantes travessas. — Deu um soco no traseiro.

Marci rebolou contra sua nova crescente ereção.

— Já verei se conseguir a oportunidade. Mas se vai ser o preferido da professora, melhor começar trazendo uma maçã à professora.

Gabe riu.

— Confie em mim. Tenho algo muito melhor que uma maçã. E depois do jantar, darei isso de novo.

Marci não podia esperar.

— Mas quem prende quem?

Ajudou a colocar as calças.

— Surrarei por isso. — Enquanto punha bem as pernas deixou cair um beijo em sua virilha. — A estive procurando toda minha vida, senhora. E confie em mim, a resistência não é um problema.

— Continue falando assim e nunca passaremos do carro.

— Ei, é uma ideia. Faremos no carro. Isso me traz lembranças da universidade.

Marci brincou com ele.

— E que código penal violará agora?

Agarrou a mão e a apertou contra sua ereção.

— O meu não, isso seguro.

Fim